



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 6 de Agosto de 1980

O Sermão da Montanha aos homens do nosso tempo

Prosseguindo o nosso ciclo, retomamos hoje o Sermão da Montanha, precisamente o enunciado: «Todo aquele que olha para uma mulher com mau desejo já cometeu adultério com ela em seu coração» (*Mt.* 5, 28). Jesus apela aqui para o «coração».

Na Sua conversa com os fariseus, Jesus, referindo-se ao «princípio» (cf. as análises precedentes), pronunciou as seguintes palavras a respeito do libelo de repúdio: «Por causa da dureza do vosso coração, Moisés permitiu que repudiásseis as vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim» (*Mt.* 19, 8). Esta frase compreende indubiamente uma acusação. «*A dureza do coração*» (1) indica o que, segundo o «ethos» do povo do Antigo Testamento, fundara a situação contrária ao original desígnio de Deus-Javé segundo Génesis 2, 24. E é lá que é preciso buscar a chave para interpretar toda a legislação de Israel no campo do matrimónio e, em sentido mais lato, no conjunto das relações entre homem e mulher. Falando da «dureza do coração», Cristo acusa, por assim dizer, o inteiro «sujeito interior» que é responsável pela deformação da lei. No Sermão da Montanha (*Mt.* 5, 27-28), faz uma referência ao «coração», mas as palavras aqui pronunciadas não parecem só de acusação.

2. Devemos reflectir uma vez mais sobre elas, inserindo-as o mais possível na sua dimensão «histórica». A análise até agora feita, tendente a fazer compreender «o homem da concupiscência» no seu momento genético, quase no ponto inicial da sua história entrelaçada com a teologia, constitui ampla introdução, sobretudo *antropológica*, ao trabalho que ainda é preciso empreender. A sucessiva etapa da nossa análise deverá ser de carácter ético. O Sermão da Montanha e, em particular, a passagem que escolhemos como centro das nossas análises, faz

parte da proclamação do novo «ethos»: *o ethos do Evangelho*. No ensinamento de Cristo, ele está profundamente ligado com a consciência do «princípio», portanto com o mistério da criação na sua original simplicidade e riqueza; e, ao mesmo tempo, o «ethos», que proclama Cristo no Sermão da Montanha, é realisticamente dirigido para o «homem histórico», tornado o homem da concupiscência. A tríplice concupiscência, de facto, é herança de toda a humanidade, e o «coração» humano realmente participa dela. Cristo, que sabe «o que há em cada homem» (*Jo. 2, 25*) (2), não pode falar de outro modo, senão com semelhante consciência. Deste ponto de vista, nas palavras de Mateus 5, 27-28 não prevalece a acusação mas o juízo: juízo realista sobre o coração humano, juízo que por um lado tem fundamento antropológico, e, por outro, carácter directamente ético. Para o «ethos» do Evangelho é juízo constitutivo.

3. No Sermão da Montanha, Cristo dirige-se directamente ao homem que pertence a uma sociedade bem definida. Também o Mestre pertence a essa sociedade, a esse povo. Portanto é necessário procurar nas palavras de Cristo referência aos factos, às situações e às instituições, com que estava quotidianamente familiarizado. É necessário submeter-mos tais referências a uma análise pelo menos sumária, para que se manifeste mais claramente o significado ético das palavras de Mateus 5, 27-28. Todavia, com estas palavras, Cristo dirige-se também, de modo indirecto mas real, a todo o ser «*histórico*» (entendendo este adjectivo sobretudo em função teológica). E este homem é precisamente o «homem da concupiscência», cujo mistério e cujo coração são conhecidos de Cristo («Ele próprio conhecia o interior de cada homem»: *Jo. 2, 25*). As palavras do Sermão da Montanha consentem-nos estabelecer um contacto com a experiência interior deste homem, quase a toda a latitude geográfica, nas várias épocas, nos diversos condicionamentos sociais e culturais. O homem do nosso tempo sente-se chamado pelo nome por este enunciado de Cristo, não menos que o homem de «então», a quem o Mestre directamente se dirigia.

4. Nisto reside a universalidade do Evangelho, que não é de facto uma generalização. Talvez exactamente neste enunciado de Cristo, que sujeitamos aqui a análise, isto se manifeste com particular clareza. Em virtude deste enunciado, o homem de todos os tempos e todos os lugares sente-se chamado, de maneira adequada, concreta e irrepitível: porque exactamente Cristo faz apelo ao «coração» humano, que não pode sujeitar-se a nenhuma generalização. *Com a categoria do «coração», cada um é individuado singularmente mais ainda que pelo nome, é atingido naquilo que o determina de modo único e irrepitível, é definido na sua humanidade «a partir de dentro».*

5. A imagem do homem da concupiscência diz respeito, primeiro que tudo, ao seu íntimo (3). A história do «coração» humano depois do pecado original está escrita sob a pressão da tríplice concupiscência, a que se liga também a mais profunda imagem do «ethos» nos seus vários documentos históricos. Todavia aquele íntimo é também a força que decide do comportamento humano «exterior», e também da forma das múltiplas estruturas e instituições a nível de vida social. Se destas estruturas e instituições deduzimos os conteúdos do «ethos», nas suas várias

formulações históricas, sempre encontramos este aspecto íntimo, próprio da imagem interior do homem. Esta, de facto, é o elemento mais essencial. As palavras de Cristo no Sermão da Montanha, especialmente as de Mateus 5, 27-28, indicam-no de modo inequívoco. Nenhum estudo sobre o «ethos» humano pode passar ao lado delas com indiferença.

Por isso, nas nossas sucessivas reflexões, procuraremos submeter a uma análise mais particularizada aquele enunciado de Cristo, que diz: «Ouvistes que foi dito: Não cometerás adultério. Eu porém digo-vos que todo aquele que olhar para uma mulher, desejando-a, já cometeu adultério com ela no seu coração» (ou. «já a tornou adúltera no seu coração»).

Para compreender melhor este texto, analisaremos primeiro *cada uma das suas partes*, com o fim de obter depois mais aprofundada *visão global*. Tomaremos em consideração não só os destinatários de então, que ouviram com os próprios ouvidos o Sermão da Montanha, mas também, quanto possível, os contemporâneos, os homens do nosso tempo.

Notas

1. O termo grego «sklérokardia» foi forjado pelos Setenta para exprimir o que no hebraico significava «*incircuncisão do coração*» (cfr. por Ex.: *Dt.* 10, 16; *Jer.* 4, 4; *Sir.* 3. 26 s.), que, na tradução literal do Novo Testamento, aparece uma só vez (*Act.* 7, 51).

A «incircuncisão» significava o «paganismo», a «impudicícia», a «distância que separa da Aliança com Deus»; a «incircuncisão do coração» exprimia a indómita obstinação em opor-se a Deus: Confirma-se a apóstrofe do diácono Estêvão: «Homens de cerviz dura, incircuncisos de corações e de ouvidos, sempre vos opondes ao Espírito Santo; como foram os vossos pais, assim sois vós também» (*Act.* 7, 51).

É necessário portanto entender a «dureza de coração» em tal contexto filológico.

2. Cfr. *Apoc.* 2, 35: «Aquele que sonda os rins e o coração...»; *Act.* 1, 24: «Senhor, que conheces b coração de todos...» (*kardtognostes*).

3. «Do coração procedem os maus pensamentos, os assassínios, os adultérios, as prostituições, os roubos, os falsos testemunhos e as blasfémias. Eis o que torna o homem impuro...» (*Mt.* 15, 19-20).

Saudações

E agora, antes de cantarmos todos juntos o "Pater noster", não posso esquecer que, há dois

anos, o meu Predecessor Paulo VI estava para concluir a sua longa e operosa jornada terrena. Dentro de poucas horas, ele apresentava-se ao Cristo Senhor para contemplar a sua Face, para Lhe dizer, com Pedro e como Pedro: "Rabbi, bonum est nos hic esse": "Mestre, como é bom estarmos aqui" (Mc 9, 5); é bom estar contigo, para sempre!

Neste final de tarde, que a recordação tinge de tristeza, voltemos o pensamento para aquele grande Pontífice, que se entregou até ao extremo ao serviço da Igreja, por ele amada como pupila dos seus olhos, por ele exaltada e defendida dos contrastes opostos, por ele guiada nas ondas perturbadas às vezes pela renovação pós-conciliar, por ele esclarecida numa catequese incansável a expor admiravelmente a sua íntima natureza, tanto a realidade escondida como a visível, a orgânica estrutura externa e o carisma do Espírito Santo que a move interiormente, a configuração "mariana" de obediência e de serviço sem limites no "sim" pronunciado pelo homem a Deus.

Como esquecer as suas palavras e os seus discursos, sempre incisivos e inspirados? Como não recordar os seus grandes documentos, como a "Populorum Progressio", a "Humanae Vitae", a "Sacerdotalis Caelibatus", a "Octogesima Adveniens", a "Marialis cultus", a "Gaudete in Domino", a "Evangelii nuntiandi"? Como não percorrer de novo as suas viagens apostólicas, que abriram definitivamente os caminhos do mundo para o hodierno testemunho do Sucessor de Pedro?

No dia da sua Transfiguração, o Senhor chamou-o para contemplar a sua glória; e sabemos, como testemunharam os seus mais íntimos colaboradores, que, neste último entardecer da sua vida, a oração continuamente saída dos seus lábios, no desfalecer das energias físicas, foi precisamente o "Pater noster". Ao recordarmo-lo juntos, esta tarde, com as mesmas palavras do "Pater noster", peçamos ao Pai Celeste que o inunde com a sua luz eternamente fulgurante, e nos conceda a todos seguirmos fielmente os ensinamentos e os exemplos, que ainda nos edificam e comovem.

A peregrinação nacional dos Camarões

Desejo dirigir uma cordial saudação aos membros da peregrinação nacional dos Camarões que comemoram este ano o 90º aniversário da sua evangelização. Por este motivo, viestes em grande número, acompanhados de D. Simon Tonye, Bispo de Douala, e de D. Jean Pasquier, Bispo Auxiliar de Garona, para agradecer ao Senhor o dom da fé. Antes de irdes à Terra Santa, onde Nosso Senhor pregou o Evangelho e morreu por todos nós, pedireis aqui aos santos Apóstolos que tornem a vossa fé semelhante à deles: forte e profunda. Pedi-lhes a fidelidade a Cristo e à sua Igreja, para vós mesmos e para aqueles a quem representais aqui.

A todos dou a minha afectuosa Bênção Apostólica.

Ao grupo "Entre Jeunes"

Tenho o prazer de saudar também o grupo "Entre Jeunes" e todos os grupos semelhantes, presentes nesta audiência, e de lhes manifestar a minha confiança neles. Como sabeis, queridos amigos, o futuro que se depara à vossa frente traz esperança ao mundo e à Igreja; para uma grande parte, ele dependerá daquilo que sereis e daquilo que fareis. É por isso que quero encorajar-vos a tomar sempre maior consciência das vossas responsabilidades e a ser generosos perante os deveres que vos incumbem.

A Virgem Maria vos ajude a servir o Senhor durante toda a vossa vida.

A grupos de peregrinos de várias religiões

As minhas especiais boas-vindas aos grupos de Presbiteranos, Metodistas e Discípulos de Cristo, hoje aqui presentes. A vossa visita dá-nos a oportunidade de manifestar a nossa fé comum em Jesus Cristo, repetindo-lhe as palavras de Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo" (Mt 16, 16).

Peço-vos que leveis os meus cordiais e respeitosos bons votos às vossas famílias e a todos os membros das vossas comunidades eclesiais.

Aos participantes no Congresso Nacional da "Cruzada do Evangelho"

Tenho o prazer de dar as boas-vindas e de dirigir o meu encorajamento aos numerosos participantes no Congresso Nacional da "Cruzada do Evangelho", que se realiza nestes dias em Riano Flamínio.

Sei que viestes de todas as partes da Itália para o vosso encontro anual de estudo, de reflexão e de oração; e, ao mesmo tempo que me alegro sinceramente convosco pelo empenho que pondeis em aprofundar o conhecimento do Evangelho, a fim de que a sua luz vos ilumine no caminho da vida, faço votos por que seja cada vez mais vivo o desejo de ouvir, como Maria de Betânia aos pés de Jesus, a sua voz que nos fala. Só Ele tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6, 68), só Ele é "o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14, 6). No Evangelho está a sua Palavra, no Evangelho está a sua arcana presença, que nos atrai, aquece e estimula a viver segundo a sua Lei, para ser neste mundo, muitas vezes árido e cruel, chama de fé e de amor, para a glória do Pai.

Desejo-vos isto com grande afecto, ao mesmo tempo que concedo a todos a Bênção Apostólica.

A vários grupos de peregrinos italianos

Encontram-se presentes nesta Audiência de hoje numerosos peregrinos provenientes de várias partes da Itália e entre eles os participantes na Assembleia Geral da "Piccola Famiglia Franciscana", Instituto Secular que celebra o 50º aniversário de fundação; a peregrinação

paroquial proveniente de Introdacqua, diocese de Sulmona; e a de Monte San Giovanni Campano, diocese de Vérola.

A todos dirijo a minha afectuosa saudação e, ao recomendar-vos que sejais sempre testemunhas coerentes do Evangelho com as palavras e com a vida, concedo-vos de coração a propiciadora Bênção Apostólica, que de boa vontade faço extensiva a todos os que vos são queridos.

Aos Jovens

Viestes em grande número de várias localidades, queridos jovens, a esta Audiência, e agradeço a vossa participação. A Liturgia de hoje faz-nos festejar um misterioso e consolador episódio da vida de Jesus: a Transfiguração do seu aspecto corpóreo, revestido da glória do Pai, no Monte Tabor. Unindo-me àquele facto, quero repetir-vos uma frase da minha mensagem aos jovens de Paris: "tende um grandíssimo respeito pelo vosso corpo e pelo corpo dos outros! Que o vosso corpo esteja ao serviço do vosso eu profundo! Que os vossos gestos, os vossos olhares, sejam sempre o reflexo da vossa alma! Adoração do corpo? Não, nunca! Desprezo do corpo? Tampouco! Domínio do corpo? Sim! Mais ainda: transfiguração do corpo!" (1 de Junho de 1980).

Desejo-vos isto com afecto. A minha paternal Bênção vos ajude.

Aos Doentes

Também a vós, caríssimos Doentes, dirijo a minha benévola e reconhecida saudação.

Há dois anos, no Domingo 6 de Agosto à tarde, o Papa Paulo VI deixava esta terra para o céu. Para o *Angelus* daquele dia tinha escrito: "A Transfiguração do Senhor projecta luz deslumbrante sobre a nossa vida quotidiana... Aquele corpo, que se transfigura perante os olhos atónitos dos Apóstolos, é o Corpo de Cristo nosso irmão, mas é também o nosso corpo chamado à glória; aquela luz que o inunda é, e será também, a nossa parte de herança e de esplendor" (*Insegnamenti di Paolo VI*, 1978, pág. 588).

Estas últimas palavras do grande Pontífice sejam para vós consolação e encorajamento nos vossos sofrimentos; juntamente com a minha Bênção.

Aos jovens Casais

Caríssimos jovens Casais, na vossa viagem de "lua de mel" quisestes inserir também a visita ao Papa. Agradeço de coração este vosso pensamento, e com grande afecto a todos dirijo a minha saudação muito sentida. E, na luz da Transfiguração, faço-vos também votos por que mantenhais vivo o significado daquele milagre na vossa nova vida: que a luz da fé e da graça resplandeça sempre na fidelidade do vosso amor.

São estes os votos que faço, a fim de que possais ser sempre felizes no Senhor, ao mesmo tempo. que vos acompanho com a minha Bênção.

Copyright © Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana